

Cabeça de Morte

Atila Velo

CAPÍTULO UM

Devo discordar de Belchior ou Elis Regina, pois acredito que sonhar é melhor do que viver. Quando eu sonho, geralmente as situações são neutras e não tenho preocupações alarmantes. Exceto nos pesadelos. Além disso, muitas vezes eu sonho com pessoas queridas que estão distantes ou já partiram. Sonhar é melhor que viver, definitivamente. Se eu pudesse e conseguisse, eu viveria dentro do mundo dos sonhos, com minhas ideias e projeções oníricas. Ainda bem que nossos desejos não se manifestam conforme nós os temos, senão eu seria agora uma esquizofrênica catatônica. Mas eu nem sempre fui assim, tão desapontada com a vida. Quando bem jovem, eu achava que dormir era desperdiçar tempo.

Entretanto, eu não tinha a menor ideia de quem eu queria ser quando crescesse. Essa era eu, Luana, aos doze anos de idade. Uma pré-adolescente sem pretensões, uma pessoa sem ambições. Alguém confusa que começava a se

sentir mais triste do que aqueles ao meu redor. Eu não enxergava o menor sentido em como a sociedade funcionava, em como a vida precisava ser, cheia de protocolos e obrigações. Eu não sei o que eu queria fazer diferente, sei apenas que o formato estudar, então trabalhar e constituir família, sendo uma boa cidadã, era algo que não me interessava. Nem de longe. Mas eu também não enxergava alternativas cativantes e a vida, em geral, era desinteressante.

Aos treze comecei a fazer psicoterapia, mas também não sentia grande alívio ao falar como eu me sentia, nem obtinha epifanias das conversas. Talvez eu não fosse cem por cento sincera nem com o psicoterapeuta, porque certas coisas a gente guarda dentro da gente a sete chaves e não conta para absolutamente ninguém. Como, por exemplo, jamais mencionei os meus amigos imaginários da infância. De qualquer forma, a psicoterapia não era ruim, só não resolvia a minha situação decadente. E a decadência era evidente: a cada dia me sentia mais deslocada no mundo,

mais triste e solitária. Fui sobrevivendo e continuei a estudar da melhor maneira que eu conseguia. Não tinha muitas amigas ou amigos; eu era um tipo peculiar e único de pessoa estranha. Não fazia parte de nenhum grupo ou tribo urbana. Eu tentava não chamar a atenção, pois realmente não queria a atenção de ninguém ali. Os interesses daquelas pessoas, na escola, eram muito diferentes dos meus. Se é que eu tinha interesses? Acho que eu gostava de algumas aulas, como História e Literatura. Gostava de coisas que podiam me transportar para outras realidades diferentes da minha.

Minha família não ajudava: nunca soube o nome do meu pai, tendo no documento apenas o nome da minha mãe, Marta. Quando eu nasci ela tinha dezessete anos, então fui criada mais pela minha avó do que por minha mãe. E ela ainda teve mais dois filhos depois de mim: Estela – que hoje está com vinte e dois anos de idade – e o pequeno Órion – que hoje tem apenas dezoito anos. O coitado é o único que conhece o pai, um homem

difícil de se suportar, pequeno em todos os sentidos. Estranho como Órion nasceu com uma natureza boa, apesar da genética ruim do pai e da mãe. Estela talvez seja filha de algum artista famoso, porque ela tem um grande talento musical. Será que a minha mãe foi tiete ou *groupie*?

Nunca me dei muito bem com dona Marta. Ela sempre foi muito despreocupada com tudo e com todos. Nunca soube cuidar nem de si. Sempre foi uma hedonista frustrada, porque o momento presente dela nunca era grande coisa. Há algum tempo ela descobriu que era bissexual e começou a namorar uma mulher muito divertida, que foi abrindo um pouco mais a cabeça dela para algumas boas ideias. As duas agem como se ainda fossem jovens despreocupadas, passando as noites em bares ou botecos, enchendo a cara, ou então em casa fumando maconha. Eu não me importaria com o estilo de vida dela se ele mantivesse seus filhos distantes. Acho que para antagonizar a minha mãe, na adolescência eu fiquei longe de todas as drogas,

exceto as bebidas. Preferi a sobriedade dolorosa da existência ou a embriaguez sincera do álcool, que potencializa os sentimentos bons e ruins. Depois experimentei outras substâncias, mas nunca permiti que meu corpo ou cérebro se viciasse.

Amor de mãe é algo que eu não sei direito definir. Não acho que ela não ame seus filhos, mas certamente não é o mesmo tipo de amor materno que tanto falam por aí. Falando em amor, o meu primeiro namorado de verdade foi o Leandro. Ele era de outra sala e achava legal o meu jeito diferente de ser. Enquanto algumas garotas me chamavam de senhorita Halloween porque eu não tinha nenhuma peça de roupa colorida, Leandro achava charmoso o estilo comportado e sóbrio que eu tinha. Mas não passou muito disso. Ele era bonitinho e gentil, eu tentava retribuir e assim ficamos durante os dois últimos anos de escola. Quando chegou a hora de escolher uma faculdade ou trabalho, fomos perdendo o contato – e o afeto. Ele resolveu fazer Administração de Empresas em uma faculdade particular que seus

pais pagavam para ele. Eu fui trabalhar como caixa de supermercado. No ano seguinte, eu tinha juntado um pouco de dinheiro e conversei com a minha mãe – que era sócia de dois bares e trabalhava como decoradora – sobre fazer faculdade. Ela concordou em me deixar morar com ela, contanto que eu pagasse pelos meus estudos. Precisei morar com ela porque a minha avó morreu, deixando muitas lembranças de carinho e cuidado. Acabei conseguindo desconto em uma faculdade de boa reputação, para um curso que eu realmente achava interessante: Farmácia. Sempre fui fascinada sobre como remédios podem interferir positivamente no organismo humano, desde os analgésicos, passando pelos relaxantes musculares, reguladores de pressão arterial, até os ansiolíticos. Era como o trabalho de um médico, ajudando pessoas com a ciência, só que sem a parte nojenta da Medicina. Foi com dezoito anos que tive meu primeiro contato com antidepressivos, quando comentei sobre algumas ideias de como seria possível cometer suicídio com

a minha amiga Jéssica. Ela insistiu para que eu visitasse um psiquiatra, que me diagnosticou com algum tipo de depressão duradoura, porque eu contei como desde os doze anos de idade eu me sentia mal simplesmente por estar viva. Por sorte, eu pegava os remédios sem custo no posto de saúde, porque não conseguiria pagar a faculdade e os remédios ao mesmo tempo – e minha mãe jamais concordaria em colaborar com a alopátia. Ela gosta apenas de fitoterápicos e de medicina alternativa – coisas que eu respeito, mas não tenho vontade de tentar. Só fui ao psiquiatra porque a Jéssica insistiu muito e disse que poderia mudar a minha vida para melhor. Pensei em dar uma chance aos remédios. Tentei e realmente melhorei um pouco.

Andava descrente de sentimentos fortes e abstratos como amor e paixão durante os dois primeiros anos da faculdade. Para mim, tais sentimentos eram apenas diferentes respostas bioquímicas relacionadas com a evolução da nossa espécie e sua necessidade de sobrevivência,

reprodução e de perpetuação do DNA. Utopia era a palavra que eu associava com amor, algo intangível e inatingível. E assim foi durante os primeiros anos de faculdade. Até que, no penúltimo ano do curso, conheci o Anderson. Foi um daqueles encontros casuais, entre conhecidos no bar perto da faculdade, mas nos quais a gente fica se olhando um pouco mais do que o normal. Certa vez, quando restavam poucas pessoas e os assuntos ficaram escassos, eu comentei que estava aflita com a chegada da época de provas. Ele se ofereceu, prontamente, para me ajudar a estudar, se eu precisasse. Ele estava no último ano de Farmácia e já havia passado pelas provas que eu estava prestes a enfrentar. Peguei o seu número de celular e todos ficaram meio sem graça, percebendo que a cena não se tratava apenas do que parecia superficialmente. As entrelinhas estavam em caixa alta. Em poucas semanas, começamos a nos ver com frequência e, de repente, era um namoro.

Anderson tinha mais maturidade para me entender. Eu não estava tão mal, mas as tendências pessimistas e negativistas prevaleciam em minha personalidade, apesar do tratamento psiquiátrico. Entretanto, ele não se importava: gostava de mim e da forma como eu enxergava o mundo, apesar de que ele mesmo não via a existência tão sem cor. Ele tinha os cabelos castanhos escuros e o rosto com linhas fortes. Era muito simpático, porém másculo. Seu porte era médio, mas ele era um pouco mais alto do que o brasileiro comum. Ele dizia que gostava dos meus grandes olhos azuis-acinzentados, sempre contornados com lápis preto, e do meu longo cabelo tingido de preto. A única cor que eu me permitia variar era a do batom: azul, vermelho, preto, rosa pálido. Detalhes na roupa também podiam ter alguma cor, desde que predominasse o preto. No fundo, eu não deveria me importar com minhas roupas ou com a percepção dos outros sobre mim, mas eu sempre senti que me vestir daquele jeito era uma das poucas formas de

expressar o vazio interno que eu sentia. Quando eu conheci o Anderson eu estava com uma blusinha que eu mesma havia feito. Ela era simples e eu tinha escrito poucas palavras nela: *I see a red door and I want to paint it*. Como o tecido era preto, o fim da frase ficava implícito. Ele conhecia a música que havia me inspirado – “Paint it Black”, dos Rolling Stones – e adorou a ideia. Enfim, eu era essa coisa estranha, ele era demais, e a gente caminhava junto, de um jeito ou de outro. Ele não entendia quando eu não queria sair de casa e queria ficar sozinha, mas aos poucos passou a respeitar. Eu não entendia como ele estava sempre disposto a fazer de tudo.